AVEIRO, 22 DE OUTUBRO DE 1960 • ANO VII • NÚMERO 313

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO,
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

MÃOS AO PIANO — *Fotografia de António Pais*

COM promissora afluência de alunos, iniciou-se já o ano lectivo do recém-criado Conservatório Regional de Aveiro. Concretizou-se, assim, uma exigência cultural imposta pelas tradições artísticas do meio e paralela aos progressos materiais duma zona altamente evoluida. A cidade não pode deixar de estar grata a quantos contribuiram para dar corpo ao magno anseio; mas o melhor prémio de tantas canseiras e dispêndios, virá, por certo, com os resultados do empreendimento, que se antevêem magnificos.

Carta de Guia de Casados

Tão longe está de ser desamor, que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem ama. /.../ O marido tenha as vezes de sol, em sua casa, a mulher as de lua. Alumie com a luz que ele lhe der; e tenha também alguma claridade.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

DUAS VELAS a SANT'ANTÓNIO

Os nomes e certas circunstâncias desta vera história foram intencionalmente alterados para tornar impossível qualquer rigorosa identificação

O meu velho amigo Ezequias tem duas grandes e opostas paixões: uma, delicada, que pressupõe recatadas e pacientes ternuras, — pelos bichos-da-seda; outra, máscula, exuberante e explosiva — pelo futebol. E estas paixões obtusam-lhe o entendimento: a sua colecção de bichos — diz ele desfiando esquisitas nomenclaturas biológicas — é a mais completa que possa imaginar-se; e o «Beira-Mar», o seu *rico Beiramarzinho*, esse — proclama Ezequias no rubro do entusiasmo — é imbatível, «em normais condições de afinação, árbitro e *bandeirinhas*, claro...».

Quanto à imaginável paixão de Ezequias por D. Angelina, sua legítima consorte...

—... Um inferno, doutor, um autêntico inferno a minha vida conjugal! Angelina não é gente, é o diabo! Não a aguento mais! É por isso que me tem aqui, forçado como sou a recorrer aos seus serviços: quero divorciar-me!

Fiquei estupefacto quando, há perto de meio ano, o Ezequias assim me berrou o seu desespero e a sua enérgica e inabalável determinação. Eu conhecia bem a D. Angelina, seriíssima senhora, dotada de invulgares prendas, bela e alegre, inteligente e ilustrada, mas de encantadora modéstia, não desdenhando de conhecer o mundo — na rua, nas lojas, no cinema, no teatro — mas fazendo de todo esse mundo insignificante satélite do seu verdadeiro mundo: o lar. Aqui é que ela se desvelava em zelos de arranjos e apuros de culinária, que fariam o feliz conforto do mais exigente dos maridos, se esse marido não fosse um Ezequias com a obsediante mania dos bichos-da-seda e a loucura incurável do futebol — duas coisas de que a D. Angelina parecia ostensivamente desinteressar-se.

— Veja bem, doutor, o jaez *daquela besta* — relatava-me o Ezequias a pretender corporizar uma «injúria grave», único fundamento que eu remotamente admitira para lhe fundamentar o pretendido divórcio —, veja bem: tem-me acontecido chegar a casa e ouvir, de chofre, esta notícia: «Morreu um animalúnculo na caixa seis». *Animalúnculo*, veja lá! *Aquela besta* até irrita com as suas pretensões de intelectual... E diz-me aquilo com uma tal frieza, que me dão ganas de a estrangular!

— Ora, ora, deixe lá as pretensões e a frieza. A verdade, o que afinal conta, é que a D. Angelina vigia-lhe o viveiro...

—... Mas com o único e canibalesco interesse de descobrir cadáveres! — cortou o Ezequias quase trágico, os olhos esbugalhados num horror. — E quem me garante — prosseguiu — que não seja ela a mesma quem mata os bichinhos?! Basta,

Continua na página 4

Vinte anos de labor intenso

ESTALEIROS SÃO JACINTO

Hoje à tarde, nas carreiras dos *Estaleiros São Jacinto*, serão lançados à água os navios «Atrevido», destinado à pesca do arrasto costeiro, e o petroleiro «Fina Lobito»; também ali se procederá hoje ao assentamento da quilha do arrastão costeiro «Santa Rita I».

O acontecimento seria de rotina numa empresa que precisamente se constituiu para construir barcos, se não culminasse vinte anos de labor industrial persistente, intenso e profícuo. Mas pode acrescentar-se: os *Estaleiros São Jacinto* fogem sistemàticamente à rotina, num apreciável esforço de criar normas inovadoras na difícil arte de construir navios. E o exemplo mais expressivo deste louvável esforço é dado justamente com o «Atrevido», que hoje ainda ficará a flutuar nas águas da nossa Ria.

No programa desta solenidade escreveu-se:

Estudaram os Estaleiros São Jacinto há alguns anos um navio para a pesca do arrasto com recolha da rede pela popa.

Apresentada a ideia a alguns armadores, foi acolhida com naturais receios, com as dú-

Continua na página 5

O navio de pesca à linha «João Ferreira», da *Indústria Aveirense de Pesca, L.da*, desce sobre a Ria, em 1956, numa das carreiras da empresa construtora, *Estaleiros São Jacinto*

do ZELO à PENITÊNCIA

Podemos felicitar-nos pela excepcionalidade da recepção de escritos anónimos. Mas, às vezes, sucede — e, quando tal sucede, o cesto dos papéis é o fatal destino das missivas sem firma. A primeira carta das que hoje publicamos foi logo direitinha à sepultura de verga; mas, ao recebermos a segunda, que a seguir também damos a lume, um dos nossos redactores deu-se à paciência de exumar os pedaços do cadáver da primeira e reconstituí-lo juntando-lhe as postas. O seu trabalho bem mereceu o prémio que nos pediu: abrir uma excepção aos nossos princípios e publicar a prosa. Pois seja — e sem exemplo.

Ex.mo Senhor Dr. David Cristo:

Leio muitas vezes o «Litoral», apreciando-o e considerando-o um dos melhores jornais da província.

Ontem, depois de ter lido no «Notícias de Ovar» um artigo e uma crítica local sobre a histórica data de 5 de Outubro de 1910, isto é, das bodas de ouro da República, que me deixaram profundamente grato ao Director do referido semanário, corri a procurar o «Litoral», na esperança de que o seu jornal se referisse também à gloriosa data de 5 de Outubro de 1910.

Sofri uma decepção. Para cúmulo, o jornal até se apresentava talàssicamente de azul e branco...

E' inacreditável que, tendo-se o jornal mostrado tão correcto em tudo e por tudo, com tudo e com todos, não tivesse uma palavra de referência ao 5 de Outubro, no ano em que se comemoram as bodas de ouro do regimen político que está em vigor. Sim, seja como for, a verdade é que estamos em regimen republicano.

Desculpe-me V. Ex.ª, pois até pelo seu apelido eu o supunha republicano. Cristo (Senhor Nosso) foi, por que não?,

Continua na página 8

Secção dirigida por
ANTÓNIO LEOPOLDO

FUTEBOL — II Divisão

Campeonato Nacional — COMENTÁRIO GERAL

RETOMOU o seu curso normal, até que nova paragem indesejável (mas já previsível...) venha interrompê-lo, o torneio nacional secundário. Na zona nortenha, os maiores proveitos foram para o Marinhense, mercê do seu excelente empate conquistado em Aveiro, frente um Beira-Mar que, em sua própria «casa», cedeu dois preciosos pontos e não conheceu ainda o gosto da vitória...

Atento o valor dos adversários, concedia-se favoritismo aos beiramarenses, mas eles não puderam confirmá-lo por inteiro, como desejavam... A igualdade constituiu, portanto, uma surpresa — como surpresa causou o inesperado empate do Peniche nas Caldas da Rainha.

Nos restantes cinco desafios, verificou-se outra igualdade, no *match* que albicastrenses e flavienses — caso curioso, actuais e antigos pupilos de Feliciano — disputaram no recinto dos primeiros. Significará que o Chaves está lançado na recuperação?

Nos outros quatro jogos, venceram os *teams* da «casa»: com dificuldades pouco esperadas, a Oliveirense e o Boavista, sobre o Gil Vicente e o Feirense, respectivamente; e com mais facilidades que as que se aguardavam, Torriense e União, sobre Sanjoanense e Vianense.

No tocante ao Feirense, há ainda que referir — como a Imprensa proclama, em uníssono — que a colectividade aveirense sòmente foi derrotada por um *penalty* inventado pelo árbitro, depois de, por duas vezes, os feirenses se terem adiantado aos boavisteiros.

Desta forma, assinalam-se mexidas na tabela classificativa: o Boavista tornou a isolar-se no segundo lugar, beneficiando directamente dos empates dos seus antigos colegas nesse posto, alguns dos quais foram ago-

Continua na página 7

no 4.º DIA

Oliveirense, 2 — Gil Vicente, 1
Boavista, 3 — Feirense, 2
C. Branco, 1 — Chaves, 1
Caldas, 1 — Peniche, 1
União, 2 — Vianense, 0
Beira-Mar, 2 — Marinhense, 2
Torriense, 5 — Sanjoanense, 2

Da minha janela...

Atravessamos uma época de mau tempo. Ao sol radioso, sucederam-se o vento e a chuva. Há, ainda, muito milho por apanhar, e quem dera que o temporal amainasse...

1 Comentando o resultado do encontro Beira-Mar — Marinhense, quanto aos motivos que teriam dado origem à perda de mais um ponto intra-muros, ouvimos diversas pessoas, com todo o ar de conhecedoras do futebol, afirmar que à equipa faltara o elemento substituido por Sarrazola. A afirmação saiu peremptória e, caso curioso, foi apoiada pelos circunstantes, sem a menor objecção.

Não pretendemos, aqui, neste recanto de pouca ou nenhuma sapiência futebolística, terçar armas em defesa do Carlos Sarrazola — o homem de Aveiro em que muitos teimam em ver um «velho», ou que, quando muito, dizem servir para tapar furos...

Parece-nos errónea esta ideia, pelo menos no concernente ao jogo de domingo, tanto mais que Sarrazola foi uma das vítimas do jogo da equipa. Teve deslizes, e alguns o próprio jogador reconhecerá sem esforço; mas o seu maior pecado consistiu em querer, só por si, remediar um erro de manobra que, por demais visível, não compreendemos porque não foi logo remediado. Repare-se que, para dar luta directa ao quarteto atacante do adversário, o Beira-Mar escalonou — pareceu-nos — quatro homens, dos quais Sarrazola era, sem dúvida, o quarto defesa. A linha média, desta forma, seria formada por dois elementos com funções de armadores de jogo. Eles eram, ou deviam ser, Amândio e Laranjeira.

Quer dizer, o número quatro actuaria sobre o lado direito em apoio directo a Garcia e Diego; Laranjeira, do lado esquerdo, colaboraria mais com Miguel e Paulino. E foi isto, precisamente, o que não se fez. Enquanto Amândio se manteve sempre, e bem, no seu lugar, Laranjeira, não sabemos porquê, actuou sempre encostado ao médio direito, originando, deste modo, a clareira que obrigou Sarrazola a constantes vai-vens — e aqui residiu o seu pior mal — para tentar, inglòriamente, anular o trabalho do médio contrário, que esteve sempre à vontade.

Foi dele, aliás, que partiram os contra-ataques mais perigosos do Marinhense, e foi ele, ainda, quem apanhou a maioria das bolas de saída, uma vez que Violas — o homem que salvou a equipa da derrota... — não encontrava outro espaço livre para colocar o esférico. Por seu lado, Fernandes, futebolista experiente, soube tirar algum proveito da falta de marcação cerrada por parte de Sarrazola, e assim se explicam os seus golos que, embora facilitados pela defesa, tiveram nele o jogador livre e pronto a rematar sem oposição directa.

Da falta de apoio do seu médio se ressentiu, também, Paulino que, desam-

Continua na página 7

Beira-Mar, 2 — Marinhense, 2

TAL como na época finda, o Atlético Marinhense não perdeu em Aveiro. No ano passado, venceu; desta vez, empatou — o que significa que o Beira-Mar sacrificou mais um precioso ponto no seu próprio recinto.

O desafio de domingo opôs duas equipas com sérias pretensões aos postos cimeiros. Houve muito nervosismo, já que as responsabilidades eram grandes — e desse estado de espírito dos atletas resultou que o desafio se tornou de permanente interesse e expectativa, pois ambos os grupos procuraram jogar aberto.

Os marinhenses, mais atléticos e decididos nas entradas — que uma vez ou outra rondaram mesmo a violência —, tornaram-se sobremaneira perigosos nas suas descidas, já que os seus dianteiros souberam rematar, com frequência, explorando da melhor forma a deficiente maneira de actuar dos defensores beiramarenses. Na realidade, tanto Liberal como Evaristo estiveram longe de satisfazer, pois originaram situações de muito apuro para o guarda-redes Violas simplesmente por abusarem de excessivas dobras de passes curtos em zonas em que era de aconselhar o pontapé pronto e longo, o pontapé de alívio imediato.

Sem confiarem nos defensores, que, de mão beijada (como usa dizer-se), possibilitaram a obtenção dos golos dos visitantes e, em tarde de desacerto, criaram ainda uma longa série de lances de autênticos calafrios — os aveirenses estiveram menos brilhantes que nos últimos desafios. Mas foram, ainda assim, animosos e agressivos, só não vencendo porque a sorte do jogo esteve com o seu antagonista e porque o árbitro os defraudou de um golo autêntico, que passaria a marca para 3-1 — o que, por certo, bastava para resolver a contenda.

O Beira-Mar conseguiu adiantar-se por duas vezes; mas, em ambas elas os defensores deitaram baldes de água fria no ânimo dos companheiros que, embora redobrassem os seus esforços, não conseguiram alcançar os seus desígnios — com certa dose de infelicidade manifesta nalguns lances, acentue-se, e também porque o árbitro o não consentiu, como atrás se refere, não considerando um golo perfeitamente «limpo», num lance em que Laranjeira, mesmo apertado, cedeu o remate vitorioso a Diego.

Aliás, o juiz de campo não considerou, logo de entrada, um golo — que se nos afigurou inteiramente legal — à turma da Marinha Grande; e veio a validar posteriormente, então em erro manifesto, o ponto com que os marinhenses chegaram ao 1-1.

Resumindo, teremos que o empate final é bastante aceitável, como prémio por o empenho dos visitantes; e teremos, também, que a igualdade verificada só se tornou possível pelo desacerto evidenciado pelos defensores locais e pela irregular actuação do árbitro.

Efectivamente, o portuense Fernando Ventura, razoável até o intervalo, caiu imenso, depois, falseando inclusivamente o desfecho final, com uma série de erros crassos, como atrás aludimos. Perto do termo do jogo, o refêe deu a ideia de pretender compensar os locais, castigando, com rigor extremo, faltas que, antes, deixara sem punição.

Registo do jogo

O Beira-Mar promoveu, no domingo, um dos seus *Dias do Clube*, tendo acorrido assistência numerosa ao *Estádio de Mário Duarte*.

Árbitro — Fernando Ventura. Fiscais de linha — Cid Gomes (bancada) e Celestino Barbosa (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Violas; Evaristo, Liberal e Jurado; Amândio e Sarrazola; Garcia, Laranjeira, Diego, Miguel e Paulino.

MARINHENSE — Serrano, Remígio, Zeca e Pinto; Francelino (ex Lusitano de Évora) e Vaz; Flora (ex Lusitano de Évora), Jacinto, Fernandes (ex-Vitória de Setúbal), Carapinha e Armando.

Golos: pelo Beira-Mar, DIEGO, aos 32 m., e GARCIA, aos 51 m.; e, pelo Marinhense, FERNANDES, aos 35 e aos 74 m..

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

A jornada número dois registou triunfos de três equipas visitantes, já que apenas o Galitos tirou partido de actuar no seu ambiente. O facto merece ser assinalado. Depois, haverá que referir a circunstância de terem ficado duas turmas cem por cento vitoriosas (Galitos e Beira-Mar), e de terem ficado duas equipas (Esgueira e Águias) sem conhecer ainda o gosto da vitória. Sanjoanense e Illiabum venceram pela primeira vez, enquanto que o Sangalhos e o Cucujães averbaram a primeira derrota.

A classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	2	2	—	—	75-40	6
Beira-Mar	2	2	—	—	96 73	6
Sanjoanense	2	1	—	1	67-60	4
Illiabum	2	1	—	1	51 54	4
Cucujães	2	1	—	1	36-56	4
Sangalhos	2	1	—	1	46-67	4
A'guias	2	—	—	2	46-56	2
Esgueira	2	—	—	2	62-73	2

A competição prossegue esta noite, efectuando-se em Aveiro, no Rinque do Parque, um encontro de grande sensação: BEIRA-MAR — GALITOS, com início às 21.30 horas. Completam a jornada, também às 21.30 horas, os encontros *Sangalhos-Illiabum*, em Sangalhos; *Cucujães-Esgueira*, em Cucujães; e *Águias-Sanjoanense*, em Mogofores.

Galitos, 43 - Sangalhos, 20

Árbiros: Manuel Neves e Manuel Bastos.

Galitos — Albertino 4, José Fino 20, Artur Fino 8, Luís Robalo 4, Júlio 2, Raul e Arlindo 5.

Sangalhos — Farate, Calvo, Alberto 6, Amândio 10, Manuel Ferreira 2, Arménio 1, Barros e Feliciano 1.

1.º tempo: 22-14. 2.º tempo: 21 6.

O Galitos conseguiu 17 cestas de campo e converteu 9 dos 21 lances livres de que beneficiou (42,85 %). O Sangalhos obteve apenas 6 cestas de campo e transformou 8 dos 22 lances livres que lhe foram concedidos (36,36 %).

Os bairradinos apenas se viram até meio do 1.º tempo, equilibrando, então, os números. Depois, cederam visivelmente ante um adversário que, mesmo sem ter jogado bem, venceu tranquilamente.

A arbitragem foi modestíssima: imparcial, é certo, mas com deslizes imperdoáveis.

★ Antes, a contar para o Campeonato Distrital de Reservas, e sob arbitragem Manuel Arroja, os grupos apresentaram:

Galitos — Calisto 1, Mário Júlio 3, João Carvalho 12, Hernâni 8 e Matos 9.

Sangalhos — Tavares 5, Marques 3, Antero 9, Humberto 2, Teixeira 4, Leonel 4 e Herculano.

O Galitos venceu por 33-27. No primeiro tempo, os bairradinos terminaram com vantagem (17-14), que os aveirenses, com melhor fundo físico e também com mais felicidade na ponta final, acabaram por anular, com imensa dificuldade.

Águias, 22 - Illiabum, 31

Árbitros: Carlos Neiva e Manuel Gonçalves.

Águias — Oliveira 2, Aurélio 4, Pereira 8, Albano Louro 6, Pinto 2 e António Baptista.

Illiabum — Bio, Jorge, Cachim 8, Elmano 15, Grilo 4, Branco 2, Balseiro 2 e Correia.

1.ª parte: 5 8. 2.ª parte: 17-23.

Os mogoforenses alcançaram 9 cestas de campo e transformaram 4 lances livres em 14 tentativas (28,571 %). E os ilhavenses obtiveram 13 cestas de campo e converteram 5 dos 19 lances livres de que beneficiaram (26,315 %).

Cucujães, 11 - Sanjoanense, 32

Árbitros: Manuel Bastos e Narsindo Vagos.

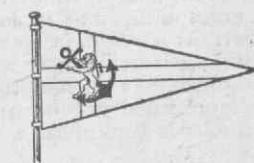
Cucujães — Costa, João Ramalhosa 6, Jorge 3, Silva, Bastos 2, Santos e Silvestre.

Sanjoanense — Mário, Fontes, Armando 6, Edmundo 18, Joaquim Lagoa 2,

Continua na página 7

Motonáutica

AVEIRO — TORREIRA — AVEIRO

amanhã, em competição de velocidade pura

Para encerramento da sua brilhante época de competições náuticas, o Sporting Clube de Aveiro promove amanhã, a partir das 15 horas, uma interessante prova de velocidade pura, que está a concitar bastante entusiasmo, quer entre os competidores — e prevê-se a deslocação à nossa cidade dos melhores motonautas de Lisboa e do Porto —, quer entre o público aveirense.

Far-se-á a ligação Aveiro — Torreira — Aveiro, sem qualquer pausa, numa prova que bem poderá ser considerada como uma autêntica maratona aquática e que, segundo sabemos, é igualmente um estudo para futuras organizações de grande interesse desportivo e turístico que os incansáveis dirigentes do Sporting de Aveiro intentam promover.

A partida e a chegada dos competidores serão feitas no Canal Central, diante do Rossio.

Pela Câmara Municipal

A Questão do Ultramar

Na sua reunião de 14 do corrrente, a Câmara Municipal resolveu enviar ao sr. Presidente do Conselho uma mensagem telegráfica de protesto contra a campanha que nos é movida perante as Nações Unidas sobre o nosso Ultramar e de apoio e aplauso à acção governativa e aos nossos Delegados da Assembleia da ONU, pela firmeza e pelo brilho com que têm defendido os interesses e a honra de Portugal.

Saneamento da Cidade

Embora se tenham publicado muitas notícias oficiosas sobre as grandes obras de saneamento há anos encetadas pela Câmara de Aveiro e que seguem o seu curso, conforme o projecto elaborado pelos técnicos e sob as vistas das estâncias competentes, vai ser comunicada à Imprensa uma nota circunstanciada e elucidativa sobre os trabalhos efectuados e sobre a orientação recentemente adoptada para o prosseguimento e conclusão do respectivo plano, segundo o qual estão já montados, no subsolo das ruas do núcleo principal da cidade, 14 000 metros de colectores.

A importância deste problema e a obra respectiva, orçada em 12 700 000$00, justifica todos os esclarecimentos que a Câmara, de bom grado, está a preparar e deseja proporcionar aos seus munícipes, através da Imprensa.

Electrificação do Concelho

No penúltimo domingo, 9 do corrente, foi inaugurada a cabine de distribuição de energia eléctrica do lugar de Horta, da freguesia de Eixo, assistindo ao acto os srs. Presidentes da Câmara e do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, o Engenheiro Director dos mesmos Serviços e outras entidades.

Ficou assim concluída a electrificação do concelho, dispondo todos os lugares das freguesias rurais de rede eléctrica de iluminação pública e de distribuição de energia aos particulares.

Dia de Finados

No próximo dia 2 de Novembro haverá missas de sufrágio nas capelas dos cemitérios: às 9 horas, no Cemitério Sul; e, às 10 horas, no Cemitério Central.

Abastecimento de água e construção de um lavadouro em Eixo

Na Presidência da Câmara foi assinado, no dia 18 do corrente, o contrato da empreitada da obra de abastecimento de água e construção de um lavadouro em Eixo, pela quantia de escudos 115 850$00.

Urbanização da zona da Escola Industrial

A Repartição de Obras da Câmara Municipal está a preparar o plano de urbanização e talhonamento da zona da Escola Industrial e Comercial, para pôr em praça alguns terrenos destinados a construções habitacionais, logo que haja aprovação superior.

Comunicações de Vilar

A Câmara pediu à Direcção de Estradas do Distrito a solução do problema da comunicação de Vilar com a cidade e com as terras de cultura situadas aquém da variante à E. N. 129, dados os perigos e incómodos que o corte da estrada das Pereiras (que passa a linha férrea junto à Escola Industrial e Comercial) causa aos proprietários e agricultores daquela zona, bem como a todos os outros utentes da mesma estrada.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 17, procedente de Safi, com 450 toneladas de gesso, entrou o navio-motor *São Silvestre*.

★ Em 18, vindos dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, demandaram a barra os navios bacalhoeiros *Novos Mares*, *Rio Alfusqueiro*, *Avé Maria*, *Ilhavense*, todos da praça de Aveiro, e ainda o *Soto Maior*, da Figueira da Foz, que aqui veio aliviar a carga, a fim de poder entrar a barra do seu porto de registo.

Todos os navios do registo de Aveiro, se bem que não venham com carregamentos completos, vêm, no entanto, bastante melhor do que na safra de 1959.

Entrou, também, procedente de Setúbal, o galeão-motor *Praia da Saúde*, com cimento.

★ Em 19, procedentes dos bancos da Terra Nova e Gronelândia, entraram os navios bacalhoeiros *Celeste Maria*, *São Jorge*, *João Ferreira*, *Dom Denis*, *São Jacinto*, *José Alberto*, *Brites*, *José Vilarinho*, *Luísa Ribau*, *Capitão João Vilarinho* e *António Ribau*. Alguns destes navios, que chegaram a fundear em S. Jacinto pelos seus próprios recursos, abicaram depois ao enfiamento do canal e atracaram ao cais da Gafanha da Nazaré.

Jantar de Homenagem ao Dr. Carneiro Leão

Um grupo de amigos, de dirigentes corporativos e de funcionários da Delegação de Aveiro do I. N. T. P. vai promover, na próxima semana, um jantar de homenagem ao sr. Dr. Luís António de Morais Pimentel Carneiro Leão, que tem exercido as funções de Subdelegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência neste Distrito, e que, recentemente, foi promovido a Delegado do mesmo Instituto e colocado no Distrito Autónomo da Horta.

Todos os que pretendam associar-se à homenagem podem, desde já, fazer a sua inscrição na secretaria do Grémio do Comércio de Aveiro.

Novos Professores

No Liceu

No Liceu Nacional de Aveiro, encontram-se a leccionar, além dos professores que já aqui estiveram no ano lectivo findo, mais os seguintes:

Dr.as D. Maria José Senos da Fonseca, D. Graciete Guerreiro de Almeida Santos, D. Virgínia de Carvalho Nunes, D. Maria Guilhermina Pinto dos Santos Monteiro, D. Maria do Rosário Henriques Gamelas, D. Maria Esmeralda Dinis Assunção, D. Maria Abélia Mendes Marques, D. Maria Teresa Granado do Amaral, D. Maria Teresa Pedro de Jesus Ferreira, D. Maria Bernardete Gomes de Paiva Dias, D. Maria do Céu Baptista Urbano, D. Benvinda Adelaide de Faro, D. Cármina Estefânia das Neves Vidal, D. Maria de Lourdes Rodrigues, D. Maria Fernanda de Almeida Pinto Ribeiro; e Drs. Hermenegildo de Jesus Dias, Manuel Virgílio Coelho, Edgar Panão, Albérico Ferreira da Costa, Fernando Ferreira Monteiro e Óscar José de Carvalho.

Na Escola Técnica

Na Escola Industrial e Comercial de Aveiro, prestam serviço, pela primeira vez este ano, os seguintes professores:

Dr.as D. Maria Cristina Ferreira Rocha e Cunha, D. Maria Helena de Sousa Almeida, D. Maria Teresa Duarte, D. Maria Isabel Ribeiro de Basto, D. Alexandrina da Conceição Daniel, Dr. Hermínio José Macedo Pita, Dr. José de Gouveia Osório Melo, Eng.º Olívio Domingues Carreira, Augusto Bernardino Baptista Lopes, Dr. Armando Lopes Alves e Eng.º António Manuel Pascoal.

No Externato de S. Tomás de Aquino

Neste novo estabelecimento de ensino secundário, propriedade da Diocese de Aveiro, as aulas principiaram na pretérita segunda-feira. Este ano, funciona sòmente o 1.º ciclo liceal, ensinando as diversas disciplinas, além do Director do Externato, sr. Dr. Fernando de Sousa Garcia, os professores: Dr.ª D. Marília Miranda, Dr.ª D. Maria Cândida Henriques Pereira, Rev.º Padre Arménio Alves da Costa, António José Moleirinho Castanho e Joaquim António Gaspar de Melo Albino.

Movimento da Lota

O movimento da Lota atingiu, no mês de Setembro, o valor total de 5 354 434$00, um dos maiores até hoje verificados. Apuraram-se 3 275 578$00, na sardinha e carapau pescado pelas traineiras; 2 078 856$00, na pesca do alto; e 48 938$00, no peixe da Ria.

Armazéns Gerais da Câmara

Foram já completamente demolidas as instalações dos Armazéns Gerais da Câmara, situados na antiga cerca do Convento de Jesus, entre as ruas do Batalhão de Caçadores 10 e do Dr. Nascimento Leitão.

Os serviços que ali funcionavam passaram para o novo edifício recentemente acabado de construir, dentro dos mais modernos moldes, na Estrada das Pombas, mesmo junto do Estádio Municipal de Mário Duarte.

Festa de Cristo Rei e da Acção Católica

A Igreja celebra de amanhã a oito dias, no domingo dia 30, a Festa de Cristo Rei e da Acção Católica, havendo ainda, no próximo sábado, dia 29, diversas solenidades litúrgicas.

Na próxima semana, o *Litoral* dará a conhecer o programa geral das celebrações que terão lugar nesta cidade.

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — OUDINOT. Domingo — MOURA. Segunda-feira — CENTRAL. Terça-feira — MODERNA. Quarta-feira — ALA. Quinta-feira — MORAIS CALADO. Sexta-feira — AVEIRENSE.

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Publicidade Comercial na Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas e Rua dos Mercadores

A Câmara Municipal de Aveiro faz público que, por deliberação tomada em reunião do dia 14 do corrente, aceita propostas para o aproveitamento, por painéis de publicidade artística, de uma fachada na parte norte da Praça Dr. Joaquim de Melo Freitas, com 8 m. de comprimento, por 6,35 m. de altura, na superfície de 50,8 m.² e de outra fachada, virada para a Rua dos Mercadores, com as medidas de 8,25 ml. de comprimento, por 1,20 m. de altura e 6,45 m. de comprimento, por 0,60 m. de altura, nas áreas, respectivamente, de 9,90 m.² e 3,87 m.².

Os proponentes apresentarão os esquemas e condições das suas propostas, podendo ser em regime de exploração publicitária ou afixação individual.

A utilização será feita por anos civis, renováveis por períodos iguais, se convier a ambas as partes, e mediante aviso prévio de 60 dias, no caso da cessação por qualquer das partes.

A Câmara reserva-se o direito de fazer a adjudicação a quem entender que melhores garantias ofereça.

O adjudicatório obriga-se a pagar, além do valor da sua proposta, as contribuições, impostos, licenças e mais encargos inerentes a esta actividade e bem assim as despesas do auto de adjudicação e do respectivo contrato a lavrar com a Câmara Municipal.

As propostas deverão ser apresentadas em papel selado, encerradas em envelope lacrado, até às 14 horas do dia 11 do mês de Novembro próximo, na Secretaria da Câmara Municipal, acompanhadas dos esboços, esquemas e mais indicações julgadas necessárias à boa apreciação das referidas propostas.

Para constar se publica o presente aviso e outros idênticos, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Conselho de Aveiro, 19 de Outubro de 1960

O Presidente da Câmara,

Alberto Souto

IV Recenseamento de Trânsito

Efectua-se amanhã, 23 de Outubro, mais uma contagem — a décima terceira — do recenseamento de trânsito nas estradas nacionais de todo o País, pelo que nos foi solicitado, pelo sr. Director de Estradas do Distrito de Aveiro, que dessemos conhecimento do facto aos usuários da estrada, solicitando-lhes a maior atenção para os possíveis sinais de afrouxamento que lhes sejam feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço — que, como fàcilmente se compreende, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito à construção, reconstrução e beneficiação da nossa rede rodoviária.

Agradecimentos

D. Laura Pais de Sousa Pascoal

Manuel Pascoal, filho e mais família, reconhecidamente agradecem a todos quantos por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, especialmente àqueles que, por desconhecimento de moradas, o não poderam fazer directamente.

D. Maria Teresa da Paula Morais

Eduardo Peixinho dos Reis e seus filhos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por falta de direcções, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas amigas que se dignaram acompanhá-los no seu profundo desgosto quando do falecimento de sua esposa e mãe.

Duas velas a Sant'António

Continuação da primeira página

como sabe, deixar cair uma insignificante gota de água numa folha de amoreira...

— Isso, desculpe o meu amigo, é apenas uma velhaca presunção...

— Será presunção, mas não velhaca. Conheço-a bem, doutor, e sei que é capaz de tudo!

— A D. Angelina?! Pobre senhora!

— Vejo que toma o partido dela. Bem... terei então que procurar outro advogado... desculpe...

Disse ao Ezequias que não me melindraria se tal fizesse — antes sinceramente o desejava. Mas acentuei-lhe que *as suas razões* eram frágeis demais para dar consistência a um sério pedido de divórcio. O Ezequias exaltou-se. E, no auge da sua objurgatória contra a minha «falsa amizade» e contra as «torturas» que a esposa «constantemente e cruelmente» lhe infligia, o Ezequias ilustrou o seu martirológio com o seguinte eloquente exemplo:

— Ainda há dias, quando os *nossos* rapazes jogaram com o «Torriense», eu estava doente e de cama. Naturalmente ansioso por conhecer o desenrolar do jogo, paguei as despezas a um amigo para que se deslocasse a Torres Vedras e me fosse informando telefònicamente do que por lá se passasse. O telefone, logo nos primeiros minutos do desafio, tocou; *ela* foi atender, e veio com a informação: «Os *outros* meteram um golo». Toca o telefone segunda vez; e *ela*, impassível, só me disse: «Mais um». «De quem?» — perguntei: «Ora, de quem havia de ser?! Se eu disse *mais* um, e o único, até agora, foi dos *outros*...» Era a *intelectual*, doutor, era aquela *grandessíssima besta* a massacrar-me com os seus raciocínios gelados! Novo telefonema, outro, e outro. E *ela*, sempre e apenas: «Mais um». E como o telefone tocasse ainda uma vez, *ela* perguntou-me: «Queres que atenda?» Nem lhe respondi. Saltei da cama e fui eu ao telefone. Era mais um, infelizmente, mais um... dos «outros», claro. Quando ia a meter-me na cama, *ela*, cìnicamente, de costas para mim, disse-me com a maior calma deste mundo: «Fizeste mal em te levantar. Eu iria; e só não fui, porque (tenho estado a olhar para o relógio) vi que faltava um minuto para acabar o jogo. De que valia que os *nossos* metessem um golo naquela altura?» A intelectual, aquela *grande besta*, não sabe o que é o *ponto de honra*...

E, sarcástico:

— ... Que, aliás, em todos os pontos de honra, *ela* foi sempre muito ignorante...

Eu ia a responder à letra. Mas a sábia Providência, de repente, iluminou-me. Os nervos distenderam-se-me; e, simulando a mais compenetrada convicção, disse apenas ao Ezequias:

— Tem razão, meu bom amigo. Deve ser insuportável um tal inferno. Vamos ao divórcio!

Uma lágrima, então, toldou o olhar de Ezequias. Baixou a cerviz ao peso do inevitável e murmurou:

— Tem que ser... infelizmente! No fundo, bem no fundo, tenho pena, bem me custa! Mas tem que ser...

O Ezequias trouxe-me procuração. E, inalteràvelmente, em todas as segundas-feiras imediatas a uma derrota do «Beira-Mar» — do seu *Beiramarzinho* —, ou nos dias em que alguma desgraça roça pelas caixas do viveiro dos bichos-da-seda, o Ezequias vem ao meu escritório perguntar-me pelo andamento do seu assunto.

— Tenha calma, meu amigo. As coisas hão-de caminhar... a seu tempo...

E lá me vou desculpando do atraso na propositura da acção, com as doenças que me têm afligido, com a urgência de outros casos que houveram de perceder o seu caso, com a carência de certos elementos para a organização de uma prova eficiente, com a ponderação e estudo que o assunto requer... E, entretanto, tenho confabulado com D. Angelina. Recomendara ao Ezequias que nada lhe dissesse sobre os seus propósitos. E, a ela, nem de longe a deixei suspeitar dos desejos separatistas do marido. Tenho-a é doutrinado — sobre futebol e sobre bichos-da-seda...

— Também é dos da *bola?!* — perguntou-me ela, muito admirada, quando pela primeira vez lhe falei do meu interesse pelo desporto-rei.

— Essa agora?! Mas haverá alguém sensato que não procure, a um tempo, nos prazeres e... nos desgostos que o futebol proporciona, um derivativo para as arrelias da vida e um energético contra o adormecimento de nervos em que o cansaço nos prostra?

Ter-me-ia envergonhado desta tirada oca, se não surpreendesse nos olhos de D. Angelina uma inesperada coriosidade.

Senti-me afoito:

— E' claro que há quem proceda mais inteligentemente do que eu. E' o caso do seu marido: chicote para os nervos, no futebol; e calmante para os nervos, nessa excelente e enternecedora colecção de bichos-da-seda — o homem fisiológico e o homem espiritual a completarem-se magnìficamente! Músculos, coração e cérebro... E' caso para a felicitar, D. Angelina: com um homem assim, certamente compreendido, e até estimulado, nas suas salutares preferências, por uma mulher inteligente como a D. Angelina (digo-o sem sombra de lisonja), o lar deve ser um paraíso! Invejo-vos, D. Angelina, invejo-vos!

....

Sempre que «casualmente» me encontrava — D. Angelina sabia simular admiràvelmente a «casualidade» dos encontros... — era um rosário de perguntas sobre a vida e utilidade dos bichos-da-seda e sobre técnicas e tácticas da bola, as andanças, expectativas e possibilidades do futebol local.

Até que...

... no último domingo — estava eu no escritório tentando soterrar com trabalho a lembrança do arreliador empate que os da Marinha Grande impuseram ao «Beira-Mar», o Ezequias entra de rompante, estranhamente alegre:

— Que me diz do jogo?

— Um desastre!...

— Homem de pouca fé! — recriminou-me o Ezequias com os braços lançados ao alto. — Um ponto a menos?! Mas vamos recuperá-lo a Viana, verá!

O Ezequias sentou-se, enquanto eu nele prescrutava outros sintomas de desarranjo mental. Depois, pausadamente, sorridentemente, o nosso homem denunciou o verdadeiro motivo da sua visita:

— O doutor ainda não requereu o divórcio?

— Não.

— Óptimo! É que... bem... (e embaraçava-se). Há coisas... bem... o doutor compreende que um matrimónio quase a festejar as bodas-de-prata não pode ruir por simples caprichos momentâneos. Fui uma besta, sabe?!, uma besta!...

E o Ezequias, radiante, prosseguiu:

— Há bocado, quando entrei em casa, com os nervos num feixe, do desafio, a minha Angelina esperava-me no patamar, ansiosa. «Ganhámos?», — perguntou. — «O raio que t'a parta!» Eu ia danado, claro. Mas olhei e vi... a Angelina... a chorar!... Depois foi para o oratório. Tirou do gavetão uma vela e pô-la em frente do Sant'António, ao lado de uma outra que já ali ardia. E ela explicou: «Esta, querido, deu um empate; mas as duas, no domingo, darão uma vitória em Viana. Vais ver. Tenho fé! E o triunfo vai ser de *penalty*! Sete pontos! E fica tudo compensado!». Estou parvo, Doutor: a Angelina sabe o que é um *penalty*, está ao corrente da tabela... Enfim, é uma santa. E inteligente! Eu... uma besta!, claro.

O Ezequias saiu, mais contente ainda do que entrara.

Na pasta azul onde arquivara os documentos que haveriam de destruir um lar, desenhei duas velas; e, por baixo, escrevi em letras enormes: «Um milagre do Sant'António!»

Quando cheguei a casa, fui direito à capela, a ver se ardia ainda a lamparina que por lá se acende ao Sant'António sempre que o *rico Beiramarzinho* joga. Estava já apagada. Reacendia-a, ao tempo que ouvi atrás de mim:

— ...[...]se foi só um empate. — O[...] vitória em Viana, [...]ca compensado! E[...]*ermos*, mesmo assi[...]e sabem vocês, afi[...] *arbitragens* celestes[...]

A fa[...]lga que eu estou [...]choraminga pelos ca[...]

— Co[...]! Mata-se a trabalha[...]

Cart[ões de] visita

FAZEM AN[...]

Amanhã, [...] prof.ª D. Olinda Miguéis Be[...]ira da Maia, esposa do sr. [...]ico de Assis Ferreira da M[...]nceição de Jesus Casal, esp[...]oão Evangelista Andrade d[...], residente em Luanda; e [...] João José da Graça Pinh[...]o sr. Silvio Pinheiro Palp[...]

Em 24 [...] Josefina da Luz Ferreirinha [...], esposa do sr. Jorge de A[...]ira da Silva, Tesoureiro d[...]guês do Atlântico em Santo [...] Capitão Manuel Lourenço d[...]r. Manuel Amador da C[...]l Pereira Melo, ausente na [...]Beira (Moçambique); e o[...] Carlos Vicente França Mo[...]es, filho do sr. Carlos Mo[...]

Em 25 [...]D. Fernanda de Faria Samp[...]do sr. Dr. Álvaro da Silva Sa[...]s. prof. Abílio dos Santos Cos[...] Silvério Pericão Rangel; a [...]dade Maria Gamelas Duã[...]sr. Abel Ferreira da Encarnaç[...]e o menino Vitor Manuel do [...] filho do sr. Capitão João D[...]itos.

Em 26 [...] D. Maria Luísa Morais e S[...] esposa do nosso distinto c[...] Vasco Branco, D. Amarílis [...]o Graça, esposa do sr. S[...] Ivi[...]a Silva, e D. Maria Rosa de [...]redo de Vilhena, esposa do [...]mino Reg[...] la de Vilhena; e [...]rico de Almeida Freitas, de [...]bra, e João Ferreira Dias, [...]asa «Roy».

Em 27 [...]nente Natividade e Silva e J[...]es Limas; a menina Maria [...]ha do sr. Arminho Ferreira; [...]no Joaquim Manuel Costa, [...] Jorquim Costa, encarregado [...]tânia».

Em 28 [...] Maria Adelaide Ferreira No[...]o sr. Major João da Cruz No[...]é Lino Gamelas Costa, filho [...] Costa; e o menino José M[...]redo de Resende Feio, filho [...]Sargento José de Resende Fei[...]

DOENTES

★ Já s[...]na sua residência de Aveiro, e[...]estej[...] totalmente restabelecid[...]Sara Biscaia.

★ Do [...]e se encontrava em convale[...]essou o nosso amigo sr. [...]mires Fernandes, cujas melho[...]centuado.

Vinte anos de labor intenso

ESTALEIROS SÃO JACINTO

Continuação da primeira página

vidas inerentes a toda a inovação.

Metido o projecto na gaveta, aí o foi desencantar a mais jovem das empresas de pesca — Pescarias Beira Litoral.

Concederam-lhe, então, as instâncias superiores simpatia e apoio. E assim se materializou uma ideia, vivida com paixão.

E' esta a história do «Atrevido» — nome dado, com justeza, pelo armador.

E, no mesmo documento, desde logo se enumeram as principais vantagens do sistema de arrasto pela popa: eliminação da necessidade de efectuar manobras do navio para recolher ou largar a rede; simplificação e racionalização do dispositivo de pesca; melhoria das condições de trabalho, pela utilização duma zona resguardada do navio; possibilidades de maior mecanização; distribuição mais racional dos espaços de bordo — vantagens que os técnicos hão-de aplaudir e de que, certamente, tirarão insuspeitados proveitos.

Nos vinte anos da sua existência, a empresa *Estaleiros São Jacinto* — hoje uma importantíssima e creditadíssima sociedade anónima — capacitou-se para construir barcos em ferro até 3.000 toneladas, dispondo de instalações que ocupam uma área de 23.250 metros quadrados, um terço dela coberta. Da sua fundação até hoje, quase dobrou a superfície ocupada pelas suas instalações; triplicou o número de carreiras, uma das quais se prolonga por oitenta metros; decuplicou o número do seu pessoal, que hoje se cifra em cerca de meio milhar de homens; e ligou o seu nome a trabalhos de maior envergadura, que se situam para além dos domínios da construção naval — obras do prolongamento dos molhes da Barra de Aveiro, hangar da Aviação em S. Jacinto, cobertura das fábricas *Triunfo* e *Sapec*. Construiu já cerca de 12.000 toneladas de barcos em 48 unidades, e tem em mãos mais 8 navios.

Para além dos interesses materiais que a sociedade *Estaleiros São Jacinto* proporciona à região aveirense, a honra que nos cabe por contarmos nesta zona com uma tão notável e progressiva empresa industrial obriga-nos a aplaudir e agradecer o esforço dispendido — e a desejar-lhe novos êxitos, agora que inicia a terceira década da sua tão proveitosa existência.

O sr. Almirante Américo Tomás, hoje venerando Chefe do Estado, assiste a uma cerimónia de «bota-abaixo» nos Estaleiros São Jacinto

Nas águas da Ria, encontra-se o «Vimieiro», navio de pesca à linha mandado construir pelos Armazéns José Luís da Costa

Dois navios nas carreiras dos Estaleiros São Jacinto, em 1958. À direita, já concluído, o «Rio Alfusqueiro»

Do Zelo à Penitência

Continuação da primeira página

um republicano; a sua pregação era a FRATERNIDADE; e a fraternidade é um dos lemas do regimen implantado em 5 de Outubro de 1910.

Ainda hoje, na «República» de ontem, o Professor Quintela diz em poucas linhas, pois não são precisas mais, da razão por que é republicano. E as razões que ele tem, temo-las todos nós.

Adiante, cada um é o que é. Temos que respeitar as ideias dos outros. Em verdade, confesso-o, senti pena por o seu óptimo jornal nada ter dito sobre a data a que me reporto.

10/10/60

Um tolo, dirá V. Ex.ª,
Seja, pois, **Um Tolo**

Ex.mo Senhor

«Um Tolo» (e, neste caso, mais do que tolo, parvo) vem rogar a V. Ex.ª perdão pelo disparate da carta de 10 do corrente, relativa à data de 5 de Outubro.

Ausente, não tinha lido o «Litoral» do dia 1.

Perdoe-me V. Ex.ª.

Não obstante estar quase com 70 anos, recebi mais uma lição de que devemos ser prudentes nas apreciações, ponderando-as bem ou ponderando muito bem tudo que com elas se relacione.

Corei, envergonhadíssimo, quando vi o «Litoral» do dia 1, e reconheci o grotesco da minha carta para V. Ex.ª.

O assunto da proclamação da República em 1910 foi tratado no grande jornal que V. Ex.ª dirige, tanto pelo Director como pelos outros colaboradores, com a correcção e imparcialidade que são normas do «Litoral».

Perdoe-me V. Ex.ª.

Dir-lhe-ia o meu nome, pois o anonimato, em cartas, é sempre vil; mas, neste caso, não há qualquer propósito mau: dar-lhe ou não o meu nome, nada representaria, pois sou um desconhecido para V. Ex.ª, sou um ninguém.

Só há um facto: é que, sendo, como sempre fui, além de republicano, católico, por penitência devia dar o meu nome, para que V. Ex.ª tornasse público o grotesto da minha carta, citando-o, ridicularizando-me. Fraqueza das fraquezas, Senhor Doutor, agora não tenho a coragem de tal.

Mais uma vez: perdão, Senhor Doutor.

Deus lhe dê saúde e felicidade.

12/10/60

Um Tolo, um toleirão

IV Recenseamento de Trânsito

Efectua-se amanhã, 23 de Outubro, mais uma contagem — a décima terceira — do recenseamento de trânsito nas estradas nacionais de todo o País, pelo que nos foi solicitado, pelo sr. Director de Estradas do Distrito de Aveiro, que dessemos conhecimento do facto aos usuários da estrada, solicitando-lhes a maior atenção para os possíveis sinais de afrouxamento que lhes sejam feitos pelo pessoal cantoneiro incumbido desse serviço — que, como fàcilmente se compreende, é de grande importância para o estudo dos problemas que dizem respeito à construção, reconstrução e beneficiação da nossa rede rodoviária.

Agradecimentos

D. Laura Pais de Sousa Pascoal

Manuel Pascoal, filho e mais família, reconhecidamente agradecem a todos quantos por qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar, especialmente àqueles que, por desconhecimento de moradas, o não poderam fazer directamente.

D. Maria Teresa da Paula Morais

Eduardo Peixinho dos Reis e seus filhos, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, por falta de direcções, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas amigas que se dignaram acompanhá-los no seu profundo desgosto quando do falecimento de sua esposa e mãe.

Duas velas a Sant'António

Continuação da primeira página

como sabe, deixar cair uma insignificante gota de água numa folha de amoreira...

— Isso, desculpe o meu amigo, é apenas uma velhaca presunção...

— Será presunção, mas não velhaca. Conheço-a bem, doutor, e sei que é capaz de tudo!

— A D. Angelina?! Pobre senhora!

— Vejo que toma o partido dela. Bem... terei então que procurar outro advogado... desculpe...

Disse ao Ezequias que não me melindraria se tal fizesse — antes sinceramente o desejava. Mas acentuei-lhe que *as suas razões* eram frágeis demais para dar consistência a um sério pedido de divórcio. O Ezequias exaltou-se. E, no auge da sua objurgatória contra a minha «falsa amizade» e contra as «torturas» que a esposa «constantemente e cruelmente» lhe infligia, o Ezequias ilustrou o seu martirológio com o seguinte eloquente exemplo:

— Ainda há dias, quando os *nossos* rapazes jogaram com o «Torriense», eu estava doente e de cama. Naturalmente ansioso por conhecer o desenrolar do jogo, paguei as despezas a um amigo para que se deslocasse a Torres Vedras e me fosse informando telefònicamente do que por lá se passasse. O telefone, logo nos primeiros minutos do desafio, tocou; *ela* foi atender, e veio com a informação: «Os *outros* meteram um golo». Toca o telefone segunda vez; e *ela*, impassível, só me disse: «Mais um». «De quem?» — perguntei: «Ora, de quem havia de ser?! Se eu disse *mais* um, e o único, até agora, foi dos *outros*...» Era a *intelectual*, doutor, era aquela *grandessíssima besta* a massacrar-me com os seus raciocínios gelados! Novo telefonema, outro, e outro. E *ela*, sempre e apenas: «Mais um». E como o telefone tocasse ainda uma vez, *ela* perguntou-me: «Queres que atenda?» Nem lhe respondi. Saltei da cama e fui eu ao telefone. Era mais um, infelizmente, mais um... dos «outros», claro. Quando ia a meter-me na cama, *ela*, cìnicamente, de costas para mim, disse-me com a maior calma deste mundo: «Fizeste mal em te levantar. Eu iria; e só não fui, porque (tenho estado a olhar para o relógio) vi que faltava um minuto para acabar o jogo. De que valia que os *nossos* metessem um golo naquela altura?» A intelectual, aquela *grande besta*, não sabe o que é o *ponto de honra*...

E, sarcástico:

— ... Que, aliás, em todos os pontos de honra, *ela* foi sempre muito ignorante...

Eu ia a responder à letra. Mas a sábia Providência, de repente, iluminou-me. Os nervos distenderam-se-me; e, simulando a mais compenetrada convicção, disse apenas ao Ezequias:

— Tem razão, meu bom amigo. Deve ser insuportável um tal inferno. Vamos ao divórcio!

Uma lágrima, então, toldou o olhar de Ezequias. Baixou a cerviz ao peso do inevitável e murmurou:

— Tem que ser... infelizmente! No fundo, bem no fundo, tenho pena, bem me custa! Mas tem que ser...

O Ezequias trouxe-me procuração. E, inalteràvelmente, em todas as segundas-feiras imediatas a uma derrota do «Beira-Mar» — do seu *Beiramarzinho* —, ou nos dias em que alguma desgraça roça pelas caixas do viveiro dos bichos-da-seda, o Ezequias vem ao meu escritório perguntar-me pelo andamento do seu assunto.

— Tenha calma, meu amigo. As coisas hão-de caminhar... a seu tempo...

E lá me vou desculpando do atraso na propositura da acção, com as doenças que me têm afligido, com a urgência de outros casos que houveram de perceder o seu caso, com a carência de certos elementos para a organização de uma prova eficiente, com a ponderação e estudo que o assunto requer... E, entretanto, tenho confabulado com D. Angelina. Recomendara ao Ezequias que nada lhe dissesse sobre os seus propósitos. E, a ela, nem de longe a deixei suspeitar dos desejos separatistas do marido. Tenho-a é doutrinado — sobre futebol e sobre bichos-da-seda...

— Também é dos da *bola?!* — perguntou-me ela, muito admirada, quando pela primeira vez lhe falei do meu interesse pelo desporto-rei.

— Essa agora?! Mas haverá alguém sensato que não procure, a um tempo, nos prazeres e... nos desgostos que o futebol proporciona, um derivativo para as arrelias da vida e um energético contra o adormecimento de nervos em que o cansaço nos prostra?

Ter-me-ia envergonhado desta tirada oca, se não surpreendesse nos olhos de D. Angelina uma inesperada coriosidade.

Senti-me afoito:

— E' claro que há quem proceda mais inteligentemente do que eu. E' o caso do seu marido: chicote para os nervos, no futebol; e calmante para os nervos, nessa excelente e enternecedora colecção de bichos-da-seda — o homem fisiológico e o homem espiritual a completarem-se magnìficamente! Músculos, coração e cérebro... E' caso para a felicitar, D. Angelina: com um homem assim, certamente compreendido, e até estimulado, nas suas salutares preferências, por uma mulher inteligente como a D. Angelina (digo-o sem sombra de lisonja), o lar deve ser um paraiso! Invejo-vos, D. Angelina, invejo-vos!

....

Sempre que «casualmente» me encontrava — D. Angelina sabia simular admiràvelmente a «casualidade» dos encontros... — era um rosário de perguntas sobre a vida e utilidade dos bichos-da-seda e sobre técnicas e tácticas da bola, as andanças, expectativas e possibilidades do futebol local.

Até que...

... no último domingo — estava eu no escritório tentando soterrar com trabalho a lembrança do arreliador empate que os da Marinha Grande impuseram ao «Beira-Mar», o Ezequias entra de rompante, estranhamente alegre:

— Que me diz do jogo?

— Um desastre!...

— Homem de pouca fé! — recriminou-me o Ezequias com os braços lançados ao alto. — Um ponto a menos?! Mas vamos recuperá-lo a Viana, verá!

O Ezequias sentou-se, enquanto eu nele prescrutava outros sintomas de desarranjo mental. Depois, pausadamente, sorridentemente, o nosso homem denunciou o verdadeiro motivo da sua visita:

— O doutor ainda não requereu o divórcio?

— Não.

— Óptimo! É que... bem... (e embaraçava-se). Há coisas... bem... o doutor compreende que um matrimónio quase a festejar as bodas-de-prata não pode ruir por simples caprichos momentâneos. Fui uma besta, sabe?!, uma besta!...

E o Ezequias, radiante, prosseguiu:

— Há bocado, quando entrei em casa, com os nervos num feixe, do desafio, a minha Angelina esperava-me no patamar, ansiosa. «Ganhámos?», — perguntou. — «O raio que t'a parta!» Eu ia danado, claro. Mas olhei e vi... a Angelina... a chorar!... Depois foi para o oratório. Tirou do gavetão uma vela e pô-la em frente do Sant'António, ao lado de uma outra que já ali ardia. E ela explicou: «Esta, querido, deu um empate; mas as duas, no domingo, darão uma vitória em Viana. Vais ver. Tenho fé! E o triunfo vai ser de *penalty*! Sete pontos! E fica tudo compensado!». Estou parvo, Doutor: a Angelina sabe o que é um *penalty*, está ao corrente da tabela... Enfim, é uma santa. E inteligente! Eu... uma besta!, claro.

O Ezequias saiu, mais contente ainda do que entrara.

Na pasta azul onde arquivara os documentos que haveriam de destruir um lar, desenhei duas velas; e, por baixo, escrevi em letras enormes: «Um milagre do Sant'António!»

Quando cheguei a casa, fui direito à capela, a ver se ardia ainda a lamparina que por lá se acende ao Sant'António sempre que o *rico Beiramarzinho* joga. Estava já apagada. Reacendia-a, ao tempo que ouvi atrás de mim:

— ...se foi só um empate, [...] — O[...] vitória em Viana, [...]ca compensado! E[...]*ermos*, mesmo assi[...]e sabem vocês, afi[...] *arbitragens* celestes[...]

A fa[...]lga que eu estou [...]choraminga pelos ca[...]

— Co[...]! Mata-se a trabalha[...]

Cartão de Visita

FAZEM AN[...]

Amanhã [...] prof.ª D. Olinda Miguéis Be[...]ira da Maia, esposa do sr. [...]ico de Assis Ferreira da M[...]nceição de Jesus Casal, esp[...] João Evangelista Andrade d[...], residente em Luanda; e [...] João José da Graça Pinh[...]do sr. Silvio Pinheiro Palp[...]

Em 24 [...] Josefina da Luz Ferreirinha [...], esposa do sr. Jorge de A[...]ira da Silva, Tesoureiro d[...]guês do Atlântico em Santo [...] Capitão Manuel Lourenço d[...]r. Manuel Amador da Cr[...]l Pereira Melo, ausente na Beira (Moçambique); e o [...] Carlos Vicente França Mo[...]es, filho do sr. Carlos Mo[...]s.

Em 25 D. Fernanda de Faria Samp[...]do sr. Dr. Álvaro da Silva Sa[...]s. prof. Abílio dos Santos Cost[...] Silvério Pericão Rangel; a [...]dade Maria Gamelas Durã[...] sr. Abel Ferreira da Encarnaç[...] e o menino Vitor Manuel do [...], filho do sr. Capitão João [...]tos.

Em 26 [...] D. Maria Luísa Morais e Si[...] esposa do nosso distinto c[...] Vasco Branco, D. Amarili[...]ão Graça, esposa do sr. S[...]lvi[...]a Silva, e D. Maria Rosa de [...]redo de Vilhena, esposa do [...]mino Reg[...]la de Vilhena; e [...]ico de Almeida Freitas, de V[...]bra, e João Ferreira Dias, [...]asa «Roy».

Em 27 [...]nente Natividade e Silva e Jo[...]es Limas; e menina Maria [...]lha do sr. Armindo Ferreira; [...]no Joaquim Manuel Costa, [...] Joaquim Costa, encarregado [...]tânia».

Em 28 [...] Maria Adelaide Ferreira No[...]o sr. Major João da Cruz No[...]sé Lino Gamelas Costa, filho [...] Costa; e o menino José M[...]redo de Resende Feio, filho [...] Sargento José de Resende Fei[...]

DOENTES

★ Já s[...]na sua residência de Aveiro, [...]estej[...] totalmente restabelecid[...] Sara Biscaia.

★ Do [...]e se encontra em convale[...]ressou o nosso amigo sr. [...]ires Fernandes, cujas melho[...]centuado.

Vinte anos de labor intenso

ESTALEIROS SÃO JACINTO

Continuação da primeira página

vidas inerentes a toda a inovação.

Metido o projecto na gaveta, aí o foi desencantar a mais jovem das empresas de pesca — Pescarias Beira Litoral.

Concederam-lhe, então, as instâncias superiores simpatia e apoio. E assim se materializou uma ideia, vivida com paixão.

E' esta a história do «Atrevido» — nome dado, com justeza, pelo armador.

E, no mesmo documento, desde logo se enumeram as principais vantagens do sistema de arrasto pela popa: eliminação da necessidade de efectuar manobras do navio para recolher ou largar a rede; simplificação e racionalização do dispositivo de pesca; melhoria das condições de trabalho, pela utilização duma zona resguardada do navio; possibilidades de maior mecanização; distribuição mais racional dos espaços de bordo — vantagens que os técnicos hão-de aplaudir e de que, certamente, tirarão insuspeitados proveitos.

Nos vinte anos da sua existência, a empresa *Estaleiros São Jacinto* — hoje uma importantíssima e creditadíssima sociedade anónima — capacitou-se para construir barcos em ferro até 3.000 toneladas, dispondo de instalações que ocupam uma área de 23.250 metros quadrados, um terço dela coberta. Da sua fundação até hoje, quase dobrou a superfície ocupada pelas suas instalações; triplicou o número de carreiras, uma das quais se prolonga por oitenta metros; decuplicou o número do seu pessoal, que hoje se cifra em cerca de meio milhar de homens; e ligou o seu nome a trabalhos de maior envergadura, que se situam para além dos domínios da construção naval — obras do prolongamento dos molhes da Barra de Aveiro, hangar da Aviação em S. Jacinto, cobertura das fábricas *Triunfo* e *Sapec*. Construiu já cerca de 12.000 toneladas de barcos em 48 unidades, e tem em mãos mais 8 navios.

Para além dos interesses materiais que a sociedade *Estaleiros São Jacinto* proporciona à região aveirense, a honra que nos cabe por contarmos nesta zona com uma tão notável e progressiva empresa industrial obriga-nos a aplaudir e agradecer o esforço dispendido — e a desejar-lhe novos êxitos, agora que inicia a terceira década da sua tão proveitosa existência.

O sr. Almirante Américo Tomás, hoje venerando Chefe do Estado, assiste a uma cerimónia de «bota-abaixo» nos Estaleiros São Jacinto

Nas águas da Ria, encontra-se o «Vimieiro», navio de pesca à linha mandado construir pelos Armazéns José Luís da Costa

Dois navios nas carreiras dos Estaleiros São Jacinto, em 1958. À direita, já concluído, o «Rio Alfusqueiro»

Do Zelo à Penitência

Continuação da primeira página

um republicano; a sua pregação era a FRATERNIDADE; e a fraternidade é um dos lemas do regimen implantado em 5 de Outubro de 1910.

Ainda hoje, na «República» de ontem, o Professor Quintela diz em poucas linhas, pois não são precisas mais, da razão por que é republicano. E as razões que ele tem, temo-las todos nós.

Adiante, cada um é o que é. Temos que respeitar as ideias dos outros. Em verdade, confesso-o, senti pena por o seu óptimo jornal nada ter dito sobre a data a que me reporto.

10 / 10 / 60

Um tolo, dirá V. Ex.ª,
Seja, pois, **Um Tolo**

Ex.mo Senhor

«Um Tolo» (e, neste caso, mais do que tolo, parvo) vem rogar a V. Ex.ª perdão pelo disparate da carta de 10 do corrente, relativa à data de 5 de Outubro.

Ausente, não tinha lido o «Litoral» do dia 1.

Perdoe-me V. Ex.ª.

Não obstante estar quase com 70 anos, recebi mais uma lição de que devemos ser prudentes nas apreciações, ponderando-as bem ou ponderando muito bem tudo que com elas se relacione.

Corei, envergonhadíssimo, quando vi o «Litoral» do dia 1, e reconheci o grotesco da minha carta para V. Ex.ª.

O assunto da proclamação da República em 1910 foi tratado no grande jornal que V. Ex.ª dirige, tanto pelo Director como pelos outros colaboradores, com a correcção e imparcialidade que são normas do «Litoral».

Perdoe-me V. Ex.ª.

Dir-lhe-ia o meu nome, pois o anonimato, em cartas, é sempre vil; mas, neste caso, não há qualquer propósito mau: dar-lhe ou não o meu nome, nada representaria, pois sou um desconhecido para V. Ex.ª, sou um ninguém.

Só há um facto: é que, sendo, como sempre fui, além de republicano, católico, por penitência devia dar o meu nome, para que V. Ex.ª tornasse público o grotesto da minha carta, citando-o, ridicularizando-me. Fraqueza das fraquezas, Senhor Doutor, agora não tenho a coragem de tal.

Mais uma vez: perdão, Senhor Doutor.

Deus lhe dê saúde e felicidade.

12 / 10 / 60

Um Tolo, um toleirão

Superfosfato de Cal

Adubo fisiològicamente neutro

No número 301, de 30/7/60, deste jornal, publicou-se uma local sob este título em que, após várias citações de autores estrangeiros pelas quais se demonstrava com evidência que o Superfosfato é um adubo neutro, não acidificante, que pode ser e é aplicado com êxito em todos os tipos de solos, inclusivamente te nos ácidos, se escrevia a frase:

«Em 1958, os superfosfatos forneceram ao solo 187.200 toneladas de cálcio.»

Ora cumpre-nos esclarecer que esta frase, por lapso, saíu incorrecta e que, em vez dela, se devia ter escrito:

«Em 1958 os superfosfatos forneceram ao solo 74.000 toneladas de cálcio».

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Pelo Segundo Juízo da Comarca de Aveiro e Segunda Secção, se faz público que correm seus termos os autos de falência de CARLOS PINTO DA SILVA, casado, comerciante, do Largo do Rossio, desta cidade de Aveiro, decretada a requerimento de António de Sousa Carneiro, viúvo, comerciante, de Águeda; e, tendo sido apresentadas pelo administrador da falência as contas da sua gerência, no respectivo apenso correm éditos de OITO DIAS citando os credores e o falido para, no prazo de CINCO DIAS, que começará a contar-se da segunda e última pulicação do presente anúncio, dizerem o que se lhes oferecer acerca das referidas contas, nos termos do art.° 1235.° do Código de Processo Civil.

Aveiro, 10 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Carlos Vilas-Boas do Vale

Litoral ★ Aveiro, 22-X-1960 ★ N.º 313

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

2.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Antónia Canha de Carvalho Dinis Ferreira*, viúva, residente na Rua José Rabumba, n.º 6, nesta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a transladar os restos mortais de seu marido, *Virgílio Dinis Ferreira*, da sepultura n.º 616 do 5.º Talhão do Cemitério Sul, desta cidade, para a sepultura n.º 835 do 4.º Talhão do Cemitério Central, também desta cidade.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição a trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 8 de Outubro de 1960

O Presidente da Câmara
Alberto Souto

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

2.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Maria da Encarnação Soares*, viúva, residente na Rua do Vento, n.º 38, desta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu pai, *Pedro Soares*, da sepultura n.º 1104 do 4.º Talhão do Cemitério Sul, para a sepultura n.º 1003 do 4.º Talhão do Cemitério Central, desta cidade de Aveiro.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Setembro de 1960

O Presidente da Câmara,
Alberto Souto

Câmara Municipal de Aveiro

EDITAL

2.ª Publicação

DR. ALBERTO SOUTO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Aveiro:

Faço público que *Maria da Encarnação Soares*, viúva, residente na Rua do Vento n.º 38, desta cidade de Aveiro, requereu no sentido de ser autorizada a trasladar os restos mortais de seu marido, *Amadeu Rodrigues da Paula*, do jazigo n.º 89, para a sepultura n.º 1003 do 4.º Talhão do Cemitério Central, desta cidade de Aveiro.

Dá-se conhecimento do pedido aos parentes mais próximos, para deduzirem, querendo, perante esta Câmara, no prazo de VINTE DIAS, contados da 2.ª publicação destes, qualquer oposição à trasladação referida.

Findo este prazo, o pedido será deferido, se se verificar não haver quem, nos termos da Lei, prefira à requerente no direito de dispor dos referidos restos mortais.

Paços do Concelho de Aveiro, 15 de Setembro de 1960

O Presidente da Câmara,
Alberto Souto

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª Publicação

Pelo 1.º Juízo de Direito da Comarca de Aveiro, 2.ª Secção de Processos, pendem uns autos de execução, com processo sumário, que José Gamelas Júnior, casado, engenheiro agrónomo, desta cidade, move contra o executado Artur Lobo Júnior, casado, comerciante, com estabelecimento de fazendas e lanifícios na Praça do Dr. Melo Freitas, em Aveiro, e, nos mesmos autos, correm éditos de 20 dias, citando os credores desconhecidos do executado, para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos.

Aveiro, 11 de Julho de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Francisco Mendes Barata dos Santos

Litoral ● Aveiro, 22-10-1960 ● N.º 313

Câmara Municipal de Sever do Vouga

CONCURSO
para médico municipal

Torna-se público que se encontra, pela segunda vez, a concurso, por ter ficado deserto o anterior, o lugar de médico municipal do 2.º partido, com sede e residência obrigatória na freguesia de Pessegueiro, deste concelho.

Os interessados deverão requerer a sua admissão, no prazo de 30 dias, a contar da publicação do respectivo aviso no «Diário do Governo», dirigindo o requerimento ao Presidente da Câmara Municipal instruido com os documentos exigidos pelo artigo 634.º do Código Administrativo.

Paços do Concelho de Sever do Vouga, 12 de Outubro de 1960

O Presidente da Câmara,
Manuel Marques da Silva

Clube Recreio Caciense

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art. 20.º, § 1.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária a reunir no dia 4 de Novembro de 1960, pelas 20 horas, com a seguinte

Ordem de Trabalhos

a) — Situação actual do Clube;
b) — Programa de realizações em curso e em estudo;
c) — Orientação a adoptar, no caso da aprovação do programa do § 2.º.

Cacia, 20 de Outubro de 1960

O Presidente da Assembleia Geral,
D. Francisco de Salles Castelo Branco

SECRETARIA JUDICIAL
Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Pelo Primeiro Juízo de Direito da Comarca de Aveiro e 2.ª Secção, pendem uns autos de acção especial de interdição por demência, em que é autora Rosa Nunes de Oliveira, viúva, doméstica, residente em Ílhavo, a fim de ser decretada a interdição por demência da ré, sua filha, Rosa de Oliveira Pinguelo, doméstica, divorciada, com ela convivente.

Aveiro, 10 de Outubro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,
João Alves

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
Francisco Mendes Barata dos Santos

Litoral ★ Aveiro, 22-10-1960 ★ N.º 313

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PAGINA

FUTEBOL

Campeonatos Regionais

I DIVISÃO

A sexta jornada forneceu os seguintes desfechos: ARRIFANENSE, 5 — OVARENSE, 1; PEJÃO, 2 — RECREIO, 3; CESARENSE, 2 — LAMAS, 0; ESPINHO, 4 — CUCUJÃES, 0; e LUSITÂNIA, 3 — VISTA ALEGRE 0.

Mercê destes resultados, o Sporting de Espinho isolou-se no comando, por ter derrotado amplamente o seu par (Cucujães), forçado a descer para o terceiro posto. Assinale-se a excelente vitória que os aguedenses obtiveram em Pejão — o Recreio, após 0-2, conseguiu, em curto espaço, alterar os números para 3-2 —; com este êxito, o Recreio isolou-se no segundo lugar.

Merece igualmente ser relevado o copioso inêxito da Ovarense em Arrifana. E deve referir-se, a concluir, que o Cesarense, vencendo pela primeira vez, deixou de ser *lanterna-vermelha*. No indesejável posto ficou, agora, o Sporting da Vista Alegre, inapelàvelmente batido pelo Lusitânia — atente-se na regularidade até aqui evidenciada pelos homens de Lourosa...

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	6	5	—	1	16 - 2	16
Recreio	6	4	1	1	11 - 6	15
Cucujães	6	4	—	2	11 - 9	14
Lusitânia	6	3	1	2	10 - 7	13
Ovarense	6	3	1	2	7 - 9	13
Arrifanense	6	3	—	3	12 - 7	12
Pejão	6	2	1	3	10 - 11	11
Lamas	6	1	1	4	7 - 12	9
Cesarense	6	1	1	4	6 - 17	9
V. Alegre	6	1	—	5	4 - 14	8

RESERVAS

Cucujães, 2 — Beira-Mar, 0

A pedido do Beira-Mar, o desafio efectuou-se no domingo, pela manhã. Arbitrou o sr. Fernando da Silva, auxiliado pelos srs. Manuel Pinto da Costa e Manuel Augusto Ferreira, apresentando as equipas:

CUCUJÃES — Brito; Amadeu, Mário e Santos; Russo e Sousa; Carniceiro, Carlos, Danilo, Quintela e Vareiro.

BEIRA-MAR — Teixeira; Louceiro, Lourenço e Carlos Alberto; Carapinha e Hassane Aly; Gonçalves (Carlos Júlio), Ramos, Abreu, Ramiro e Correia.

Com uma actuação inexplicàvelmente frouxa e decepcionante, a turma beiramarense perdeu, sem apelação, uma partida em que tinha obrigação de construir um triunfo mais ou menos folgado, dada a fragilidade dos seus contrários.

Tal não sucedeu, porém, pela vivacidade e pelo entusiasmo que os cucujanenses empregaram e lhes bastou para chegarem à vitória sensacional que obtiveram.

Marcadores: CARLOS, aos 22 m; e LOURENÇO (nas próprias redes), aos 71 m.. O *keeper* aveirense, aos 20 m., defendeu uma penalidade máxima.

Arbitragem regular.

Outros resultados:

Série A — ARRIFANENSE, 3 — LAMAS, 2; SANJOANENSE, 1 — FEIRENSE, 1; e PEJÃO, 1 — ESPINHO, 4.

Série B — ESTARREJA, 5 — RECREIO, 2; e OVARENSE, 3 — OLIVEIRENSE, 3.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE **A**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	5	4	1	—	24- 1	14
Arrifanense	6	4	—	2	13-19	14
Feirense	5	3	1	1	22- 6	12
Lamas	5	2	1	2	7- 6	10
Espinho	5	2	1	2	7-11	10
Lusitânia	5	—	1	4	6-16	6
Pejão	5	—	1	4	3-23	6

SÉRIE **B**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	4	3	1	—	17- 7	11
Cucujães	5	3	—	2	10 12	11
Beira-Mar	4	2	—	2	10- 9	8
Recreio	4	2	—	2	11-12	8
Ovarense	5	1	1	3	9-11	8
Estarreja	4	1	—	3	7-13	6

JUNIORES

Recreio, 1 — Beira-Mar, 1

No Campo de S. Sebastião, em Águeda, arbitrou o sr. Pais Lima, auxiliado pelos srs. Oliveira Cadete e Gil Soares, e os grupos utilizaram:

RECREIO — Dinis; Albino, Calix e Pereira; Rato e Ferreira; Almeida, Quintas, Leal, Vítor e Santos.

BEIRA-MAR — Vaz Pinto (Augusto, a partir dos 20 minutos); Madail, Sarrico e Vinagre; Gamelas e José Manuel; Celestino, Virgílio, Eduardo, Martins e Silva.

Os aveirenses alcançaram, merecidamente e inesperadamente, um excelente empate em «casa» dos campeões regionais, que se devem dar por muito satisfeitos por se terem furtado à derrota. Na realidade, a haver um vencedor, esse deveria ser o Beira-Mar, que se creditou de exibição muito equilibrada e agradável.

Marcadores: pelo Recreio, VÍTOR, de *penalty* (assinalado para punir mão de Sarrico), aos 28 m.; e, pelo Beira-Mar, EDUARDO, aos 70 m..

Arbitragem imparcial e muito aceitável.

Outros resultados:

Série A — SANJOANENSE, 5 — CUCUJÃES, 0; OLIVEIRENSE, 5 — FEIRENSE, 2; e ARRIFANENSE, 0 — ESPINHO, 2.

Série B — ESTARREJA, 1 — ANADIA, 0; e OVARENSE, 1 — VISTA ALEGRE, 2.

SÉRIE **A**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	3	3	—	—	13- 5	9
Sanjoanense	3	2	—	1	11- 4	7
Feirense	3	2	—	1	7- 7	7
Espinho	3	2	—	1	5- 6	7
Arrifanense	3	—	—	3	5-12	3
Cucujães	3	—	—	3	1- 8	3

SÉRIE **B**

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	3	2	1	—	9- 1	8
Ovarense	3	2	—	1	4- 3	7
Vista Alegre	3	2	—	1	3- 6	7
Beira-Mar	3	1	1	1	5- 5	6
Estarreja	3	1	—	2	2- 3	5
Anadia	3	—	—	3	3- 8	3

Comentário Geral

ra ultrapassados ou igualados.

Na cauda da tabela, verificou-se que os conimbricenses do União trespassaram a «lanterna-vermelha», ao conquistarem o seu primeiro êxito, já que se igualaram a três outros concorrentes — Vianense, Feirense e Peniche.

A prova prossegue, amanhã, com a quinta jornada — que inclui sete jogos de enorme interesse. Veremos o que irá suceder...

Mapa da Classificação

CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	4	4	—	—	16 - 4	8
Boavista	4	3	—	1	13 - 7	6
Marinhense	4	2	1	1	10 - 4	5
Beira-Mar	4	1	3	—	6 - 4	5
Torriense	4	2	1	1	9 - 8	5
Caldas	4	2	1	1	7 - 7	5
Sanjoanen.	4	2	—	2	8 - 8	4
C. Branco	4	1	2	1	3 - 5	4
G. Vicente	4	1	1	2	6 - 5	3
Chaves	4	1	1	2	6 - 13	3
Vianense	4	1	—	3	5 - 8	2
Feirense	4	1	—	3	5 - 9	2
União	4	1	—	3	3 - 8	2
Peniche	4	—	2	2	2 - 8	2

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 5.º dia

OLIVEIRENSE-BOAVISTA
FEIRENSE-CASTELO BRANCO
CHAVES-CALDAS
PENICHE-UNIÃO
VIANENSE-BEIRA-MAR
MARINHENSE-TORRIENSE
GIL VICENTE-SANJOANENSE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 7.º dia

VISTA ALEGRE-ARRIFANENSE
OVARENSE-PEJÃO
RECREIO-CESARENSE
LAMAS-ESPINHO
CUCUJÃES-LUSITÂNIA

RESERVAS — 7.º dia

LAMAS-SANJOANENSE
FEIRENSE-ESPINHO
PEJÃO-LUSITÂNIA
BEIRA-MAR-ESTARREJA
RECREIO-OLIVEIRENSE

JUNIORES — 4.º dia

CUCUJÃES-ESPINHO
FEIRENSE-SANJOANENSE
OLIVEIRENSE-ARRIFANENSE
ANADIA-VISTA-ALEGRE
BEIRA-MAR-ESTARREJA
RECREIO-OVARENSE

DA MINHA JANELA...

parado, viveu todo o jogo à procura da bola — facto que o levou, muitas vezes, a derivar para a direita, no convencimento, talvez, de que lá se encontrava a solução dos seus problemas...

Podem dizer-nos que o mal só agora nos mereceu reparo, porque a equipa empatou, mais uma vez, no seu recinto. Aceitamos, mas também podemos argumentar que ao orientador, e não a nós, compete ver o que está bem e remediar o que está errado. E, se fazemos a observação, é porque não podemos, em consciência, permitir que se culpe, de ânimo leve, um jogador, não se procurando, antes, as raízes do mal.

Mas isso já não será connosco e nem foi essa a nossa intenção. O que nos magoou foi ver incriminar um elemento, que não podia, desamparado, resolver todos os problemas da equipa. E por aqui nos quedamos.

2 *Já aqui frizámos o bom trabalho desenvolvido pelos dirigentes da Associação de Andebol de Aveiro, que, em pouco tempo, fizeram renascer uma modalidade que quase ia desaparecendo, por negligências duns tantos. Por isso, estamos à vontade para lhes lembrar que, na época em curso, é necessário continuar. Lisboa e Porto disputam, presentemente, os seus torneios da modalidade, na variante de «onze». E, entre nós? Será que não se faz uma tentativa para que os clubes a pratiquem?*

Aguardemos, tanto mais que o Sporting de Espinho espera a justificação para o seu abandono forçado da Associação de Andebol do Porto...

FORÇA AÉREA

BASE AÉREA N.º 7

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Fornecimento de Géneros

Faz-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de 6 (seis) dias a contar da data de publicação deste anúncio, para o fornecimento de géneros de mercearia, pão, carne, vinho, batatas e azeite.

Os concorrentes deverão enviar a este Conselho Administrativo, em carta fechada e lacrada, dentro do prazo indicado, propostas para o fornecimento dos géneros atrás referidos.

O fornecimento será pelo período de 3 (três) meses.

O caderno de encargos encontra-se patente neste Conselho Administrativo.

Base em S. Jacinto, 18 de Outubro de 1960

O Presidente do C. A.

João da Cruz Novo

Maj. Pil. Av.

BASQUETEBOL

Tavares 6, Aureliano, Américo e Fernando Lagoa.

1.ª parte: 5-18. 2.ª parte: 6-14.

Os cucujanenses alcançaram 5 cestas de campo e transformaram 1 dos 15 lances livres que beneficiaram (6,666 %). Por seu turno, os sanjoanenses alcançaram 15 cestas de campo e converteram 2 dos 13 lances livres que disputaram (15,384 %).

Esgueira, 38 - Beira-Mar, 47

Árbitros: Albano Baptista e Aureliano Silva.

Esgueira — Júlio, Raul 4, Vinagre 2, Manuel Pereira 12, Américo 15, Ravara 2 César 3 e José Calisto.

Beira-Mar — Necas, Feliciano 8, Rosa Novo 14, Paroleiro 6, e José Luís Pinho 19.

1.º tempo: 15-15. 2.º tempo: 23-32.

O Esgueira alcançou 17 cestas de campo e converteu 4 dos 14 lances livres de que dispôs (28 57 %). O Beira-Mar conquistou 19 cestas de campo e transformou 9 lances livres em 24 tentativas (37,5 %).

A partida concitou bastante interesse, tendo chamado muitos espectadores ao Campo da Alameda.

Os beiramarenses, com o seu quê de infelicidade da finalização, só por isso não resolveram o encontro a seu favor logo na metade inicial. Após o reatamento, o Esgueira adiantou-se, chegando a usufruir de uma margem favorável de 7 pontos (25-18). Todavia, os amarelo-negros reagiram prontamente e acabaram por se impor, vencendo com inteiro merecimento.

Albano Baptista esteve quase perfeito. O seu colega pecou sòmente por viver na sombra do colega, deixando de apitar em lances em que o devia ter feito.

XADREZ DE NOTÍCIAS

Para os desafios que esta noite se realizam, a contar para o Campeonato Distrital de Basquetebol, foram designados os seguintes árbitros: BEIRA-MAR — GALITOS, Carlos Neina e Manuel Neves; SANGALHOS — ILLIABUM, Manuel Bastos e Manuel Gonçalves; CUCUJÃES — ESGUEIRA, Albano Baptista e Manuel Arroja; A'GUIAS — SANJOANENSE, António Rino e Narsindo Vagos.

Por não se ter atingido o número mínimo de passageiros, até ao prazo indicado, não se efectua amanhã o anunciado comboio-especial para apoio do Beira-Mar em Viana do Castelo.

Termina, em 31 do corrente, o prazo para a inscrição dos clubes que pretendam participar nos campeonatos distritais de basquetebol, nas categorias de juniores e infantis.

A partida de futebol Vianense — Beira-Mar será dirigida por uma equipa de arbitragem chefiada pelo portuense João Ferreira.

O antigo e dedicado futebolista beiramarense Fernando Canha está empenhado no concurso do team de honra da Associação Académica de Coimbra na sua festa de despedida. A data do festival será oportunamente dada a conhecer.

O valoroso Sangalhos Desporto Clube pensa, muito a sério, na criação de uma nova secção desportiva: a de Andebol. No Estádio Pista da Bairrada, será construído o indispensável recinto de jogos

Direcção de

JAIME BORGES e PEREIRA DA SILVA

O «ORFEU» do Prémio Nobel virou-se «ORFEU» do Orate Fratres?

ARTIGO DE MANUEL PEREIRA GAMELAS

Ao esoterismo cego e estéril dos conselheiros dos Orfeus, sucedeu o primeiro sufrágio nos seus prematuros brindes em honra da submissão voluptuosa de Eurídice perante seus estóicos Senhores:

— Nenhum é apontado como possível usurpador do corpo setinoso e incorruptível de Eurídice. Nenhum é considerado como possível prisioneiro da sua beleza de serpão de monte.

Estas são as verdades amargas vindas da corte da doce Eurídice.

A redenção inconsciente, que os copiosos conselheiros previam no nascente ardoroso e orgíaco da «Diva», transformou-se em apatia impertubável e austera, lançando, na sepultura crepuscular dos desejos recalcados, a virilidade agreste e seivosa dos malfadados Orfeus.

Por ora, Eurídice desfruta, numa mansão de paz, esta brandura outonal que envolve o seu corpo insondável.

Todavia, como animais bravios, conselheiros e Orfeus respiram uma ténue confiança e cobiça naquela corça casta, aristocrática, cândida, apetecida.

Tristãos, D. Juans Tenórios, Cyranos, Othelos, rodam, igualmente, o sono leve e sedutor da rica mocetona. Aperaltados nas suas vestes douradas e resplandecentes, aguardam o meigo despertar da virgem, para se lançarem num estrepitoso parafraseado de galanteios misturados de fáceis requebros. A conquista é difícil, mas seduz os seus corações. E porquê? — Porque o vencedor terá a glória eterna dos grandes amorosos, como Casanova!

Tal é a beleza destes anfitriões, que alguns são apontados pelos cortesãos da corte como possíveis vencedores. Os Orfeus, para si, são simples puerilidades!

Pobres Orfeus! Caídos em desgraça ao lado de tão grandiosos «príncipes», cai-lhes na alma retalhada da amargura a lágrima fria e infecunda da resignação. Choram. Amassam o rosto sombrio. Soluçam.

Os conselheiros, ardendo num nervosismo indesfarçável, murmuram impropérios de mistura com o nome dos seus amos:

— Não é AQUILINO RIBEIRO um príncipe vigoroso, possante, ardente, capaz de lhe fecundar a maternidade desejável? Oh!, injustiça das injustiças! Malvados cortesãos! Vocês é que não passam de simples puerilidades!

— MIGUEL TORGA, o estóico TORGA das musas divinas, preterido à mão de Eurídice! Impossível! Onde estás tu, Justiça! Porque vendas os olhos!

Os queixumes, sempre azedos e fortes, perdem-se no poente dos espíritos, para retalharem profundamente o seu subconsciente conselheiral. E, como os Orfeus, choram.

Soluçando, olham os tálamos vazios, lúgubres, gélidos, dos seus príncipes. Visionando, anteriormente, o imperturbável espargir de beleza de Eurídice naquelas colchas finas e sedosas, arrepenham os cabelos grisalhos ao descortinarem a solidão fria que os envolve.

Pobres colchas! Míseros tálamos!

A Morte, cínica como sempre, escondendo-se dos conselheiros, assusta-os com risos sonoros:

— Ah, ah, ah, ah... Eurídice, Eurídice, Eurídice...

Os conselheiros, arrepiados, medrosos, giram sobre si, clamando os nomes dos seus Orfeus:

— TORGA, AQUILINO... Coragem! Reanimem-se! Lutem até ao fim! A vossa beleza também é divina! Não se afastem do corpo de Eurídice! A vitória ainda pode ser vossa!...

— Eurídice, Eurídice, Eurídice... — grita em alta berraria a Morte.

UM ALVITRE

ARTIGO DE SILVA COSTA

É nota dominante de todas as sociedades, nos tempos que correm, elevarem-se culturalmente. É um facto que os problemas do espírito têm uma aceitação primordial na civilização dos nossos dias, não tanto, aliás, como era lícito esperar-se.

No entanto, se mais não se faz, será talvez por falta de formação cultural das massas populares, e especialmente das camadas jovens.

Vem isto a propósito de uma entrevista dada por Bernardo Santareno, o maior dramaturgo português, na opinião abalizada de António Pedro, à revista «Paisagem», no número de Agosto.

Perguntado sobre a nova geração e o seu interesse pela Arte, afirmou que, digam o que disserem, a acha apaixonante e rica, acrescentando que os mais novos fazem um tremendo esforço para quebrar a casca deste ovo onde tão bem se cultivaram as mentiras éticas e outras.

Esse esforço tremendo que a juventude faz para se livrar de certos preconceitos implica, naturalmente, uma fase um tanto anárquica, e que a maior parte das vezes é mal interpretada.

Instado, a seguir, para classificar o público português, Bernardo Santareno dividiu-o em três classes: o público velho, o jovem e o virgem.

O primeiro não lhe interessa. São os crónicos, os que lembram os tempos antigos (sempre melhor que os de hoje), as peças dos anos 10 e 20.

O segundo, na sua opinião, é o que mais interessa ao Teatro. É o público cheio de sangue na guelra, o que sentiu «À espera de Godot», a tal peça que foi pateada na estreia pelo público velho, que não a compreendeu.

Quanto à terceira categoria, lògicamente, trata-se de um público sem formação alguma. É preciso formá-lo, levar-lhe o Teatro onde ele esteja, de modo a ser conquistado para a Arte.

Ora, sendo assim, não fica mal um alvitre, com destino à Comissão Municipal de Cultura.

Por que não oferece essa Comissão, de vez em quando, a oportunidade a esses públicos jovem e virgem (sem excluir, claro está, o público velho) de verem em Aveiro certas peças representadas por profissionais?

Está actualmente no Porto a Companhia de Amélia Rey Colaço, com um grande repertório. Por que não oferecer à cidade algumas dessas peças, tais como o «Lugre», «Tá-Mar», «Entre Giestas», «As Saias», por exemplo, todas elas de autores portugueses?

Seria interessante aproveitar a estadia dessa Companhia no Norte para a Comissão de Cultura, a preços acessíveis, dar possibilidade aos aveirenses de assistirem a boas noites de Teatro.

A sugestão aqui fica. Apesar de não vivermos em Aveiro, estamos convencidos de que essa atenção para os aveirenses seria òptimamente recebida. E não ficará descabido lembrar que, na impossibilidade da Companhia de D. Maria se apresentar em Aveiro, a preços acessíveis, repetimos, o Teatro Experimental do Porto fica só a 70 quilómetros. É muito perto, e não será difícil levá-lo a Aveiro.

Crónica de Cinema

A perenidade do WESTERN

ARTIGO DE JOSÉ LUÍS FINO DE FIGUEIREDO

Os filmes de «Cow-Boys» ainda não morreram. Desde os tempos heróicos da fundação dos estúdios de Holywood e do cinema mudo, até os nossos dias, estes filmes duros e violentos foram sempre sentenciados à morte, mais ou menos consecutivamente, pela velha geração, mas, contra o que seria de esperar, chegaram até nós.

Apesar de terem sido sempre encarados como mero entretenimento para a gente nova, estas películas resistiram ao correr do tempo, o que não aconteceu com outros tipos de filmes, ou outras vagas, uma das quais, a mais famosa de há vinte anos, foi o expressionismo alemão, que definhou e morreu sem deixar sementes.

Do filme de «Cow-Boys» dos velhos tempos do mudo ao dos nossos dias vai uma enorme diferença. O próprio nome mudou: hoje já não é um filme de «Cow-Boys» mas sim um «Western», designação esta que é preferível, pois tem maior amplitude.

Mas a grande diferença reside no conteúdo. Antigamente, uma película de «Cow-Boys» contava uma história que pràticamente só podia ser integrada naquele ambiente de vaqueiros e índios. Agora quase todas as histórias dos «Western» poderiam ser contadas em qualquer ambiente e em qualquer época. Já lá vai o tempo em que o «mocinho» passava três quartas partes do filme a correr atrás dos índios ou do «bandido» e em que no fim tudo acabava com os rostos dos dois, o herói e a sua apaixonada (que quase sempre era pretendida pelo «bandido») a sorrirem, traduzindo em imagem aquela frase dos velhos contos da minha saudosa avó: *Foram muito felizes e tiveram muitos meninos!*

Os «Western» são filmes mais evoluídos. Em toda a parte, películas como «Shane», «O Comboio Apitou Três Vezes» e «Johnny Guitar» são admiradas, discutidas, exibidas em Cine-Clubes, e ninguém põe em dúvida o seu valor como obras válidas e honestas.

No penúltimo domingo, foi exibida entre nós a película «O Último Comboio de Gun Hill» que representa perfeitamente o novo tipo de filmes do Oeste. Sem ser uma obra da craveira de «Shane», pode, no entanto, colocar-se no mesmo plano das melhores obras do género, mercê de uma realização eficiente de John Struges e da boa interpretação de todo o conjunto. O tema, sem ser novo, é tratado de uma maneira bastante original.

Perguntará agora o leitor qual a razão desta perenidade dum género de películas tão restrito aos mesmos temas. Há uma opinião que deve ser a mais aproximada da realidade: é que elas representam uma fuga ao quotidiano, à muralha tão restrita da nossa vida social, das nossas preocupações, dos nossos mesquinhos anseios. Em «Shane» está simbolizado o Cavaleiro Andante, o D. Quixote que cavalga sem destino, tendo por leito a terra dura e por manto as estrelas que cintilam sobre a pradaria sem fim.

Litoral
ANO SEXTO N.º 313
Aveiro, 22 de Outubro de 1960

UM JORNAL DE TODOS E PARA TODOS — em que cabem TODAS AS OPINIÕES HONESTAS; que aceitará TODAS AS SUGESTÕES INTELIGENTES; porta-voz de TODOS OS ANSEIOS LEGÍTIMOS

AVENÇA